

Maurice Ravel

por EURICO TOMÁS DE LIMA

I

Ao agonizar o ano de 1937, o telégrafo espalhou a triste e fulminante notícia da morte de Ravel.

O subtil impressionista de *Jeux d'Eau* nunca mais tornará a sentar-se ao piano, entregando-se à volúpia da improvisação; os seus dedos frenéticos não mais percorrerão o teclado na ânsia criadora de rebuscar estranhos jogos de timbres.

O compositor abordou quasi todos os géneros musicais, desde o instrumental ao bailado, com prodigioso engenho, sempre emotivo, sem tombar na grandiloquência, captando a golpes de génio uma legião de admiradores partidários da sua «música do futuro», e em contraposição, biliosos detractores que lhe moviam violentas campanhas, às quais Ravel, sem se impressionar, respondia com uma nova obra.

Para apreciarmos o labor do insigne compositor francês, retrocedamos sessenta e dois anos.

Maurice Ravel nasceu a 7 de Março de 1875, na pequena cidade de Ciboure, nos Baixos-Pirineus, vizinha de Saint-Jean-de-Luz, próxima da fronteira franco-espanhola.

Aos doze anos de idade o

“Sol Nascente,” na Brasil

Vamos Lêr!, revista brasileira de larga circulação em Portugal, faz no seu último número entre nós distribuído uma amiga e elogiosa referência a «Sol Nascente».

A revista «Pernambuco», que se publica na cidade que lhe dá o nome, transcreveu de «Sol Nascente», em fundo, o artigo do nosso prezado colaborador Correia de Sousa: *Produção e Consumo Cultural*.

Os nossos agradecimentos.

Alvaro Salema

Deseja este jovem publicista que façamos público ter decidido deixar, em todos os aspectos, a sua colaboração com «Sol Nascente».



piano atrai-o, tendo sido Henri Ghis o seu primeiro professor. Em 1891 entrava no Conservatório de Paris, frequentando a classe preparatória de piano, na qual obtem uma primeira medalha em recompensa da sua assiduidade.

O jovem músico, nesta época, relaciona-se com Chabrier e Erik Satie, manifestando-se em Ravel a mais viva curiosidade e o mais espontâneo entusiasmo pelas obras pianísticas do mestre exuberante de graça das *Pièces pittoresques*, e do génio bizarro das *Descriptions Automatiques*. A sua jóvem sensibilidade sacode-se com tal avidez, que o leva, irreverente, a tocar as *Gymnopédies* de Satie, para os seus condiscipulos na classe de Harmonia do Conservatório, enquanto esperavam o mestre Emile Pessard.

Nos intervalos dos seus rigorosos estudos de harmonia, Maurice Ravel compõe em 1894 as melodias *Ballade de la Reine morte d'aimer* e *Un grand sommeil noir*, para canto e piano, sobre versos respectivamente de Roland de Marés e Verlaine, e uma *Sérénade grotesque* para piano solo.

Estas três obras nunca foram publicadas.

Em 1895, a casa Enoch, edita *Menuet antique*, primeiro desabrochar do estilo raveliano, com as originais progressões de acordes de nona e sétima maiores, sacudindo, embora ainda com al-

gumas hesitações estéticas, as fórmulas clássicas.

No mesmo ano, Ravel, ainda discípulo de Pessard, compõe a excitante *Habanera*, fazendo-a figurar juntamente com *Entre cloches* em *Les Sites Auriculaires* para dois pianos a quatro mãos, e incluindo-a doze anos mais tarde na *Rapsodie espagnole*, que consagrou o seu nome.

Sainte de Stéphane Mallarmé, é musicada para canto e piano, em 1896, como homenagem ao seu poeta favorito.

Em 1899, aparece *Pavane pour une Infante défunte*, para piano.

Melodia terna, dolorosa, de ambiente severo, é talvez a única obra em que se nota a flagrante influência do melodismo precioso de Fauré.

Em 1901, Maurice Ravel escreve a música para uma cantata, *Myrrha*, sobre o libretto do poeta Fernand Belissier, com a qual se apresenta ao concurso do Prémio de Roma.

Alguns jurados entusiastas quiseram conceder-lhe a suprema recompensa; mas... conferiram-lhe o segundo prémio, a-pesar de reconhecerem «os dotes cénicos do jóvem compositor».

Com as gotejantes cintilações de *Jeux d'Eau*, composto no mesmo ano, Ravel, «inaugura—como diz Alfred Cortot—a série das suas peças de virtuosidade descritiva».

Tudo nesta obra é novo; sonoridades enlaçadas pelo capricho do músico, num rolar de fluidas harmonias; ansie-

dade rítmica repleta de dissonâncias não agressivas, antes pelo contrário, impressionando deliciosamente, familiarizando-nos com os timbres agudos pela primeira vez abordados no piano.

O *Quarteto em fá*, dedicado ao seu mestre Gabriel Fauré, trabalhado de 1902 a 3, foi revelado ao público na *Schola Cantorum da Société Nationale*, a 5 de Março de 1904, despertando vivo entusiasmo.

Só um talento excepcional como o de Maurice Ravel poderia permitir-se o grande arrôjo de escrever um quarteto de cordas aos vinte e oito anos de idade, com tal mestria de construção, de unidade e inspiração, quando muitos outros músicos só se aventurariam a fazê-lo no fim da sua carreira.

Ficou bem gravada em nós a impressão causada com a primeira audição do «Quarteto» de Ravel, em Lisboa, em 1931, no Teatro de S. Carlos, executado pelo *Quatuor de Budapest*, um dos mais homogêneos e categorizados da Europa. Schubert, Ravel e Beethoven foram os autores interpretados nessa memorável sessão de música de câmara.

O modernismo raveliano não ficou deslocado entre o suave lirismo de Schubert e a profundidade polifónica de Beethoven. Milagrosa evocação de três escolas, representando três periodos, animados por três génios, é preciso dizer-se que Ravel com o seu «Quarteto» colocou-se na primeira fila dos músicos franceses.

SOL nascente

REVISTA DO
PENSAMENTO JOVEM

—aceita e acolhe com entusiasmo a colaboração (que seleccionará e aprovará) de todos aquêles que, sentindo a vida como atitude e movimento, tenham de expressar verdades úteis, na sua formação de contextura ideológica, ou no seu formular de coisa emocional.

Aceita, para que se revelem, ideias e arte, que só vivem exteriorizando-se.